



MAPAS MENTAIS E MIGRAÇÃO: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA A PARTIR DA MEDIAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL

Gustavo Geovane Martins da Silva¹
Universidade Federal de Goiás

Lavínia de Sousa Almeida Mendes²
Universidade Federal de Goiás

Fernando José Primo do Nascimento³
Universidade Federal de Goiás

Resumo. Este artigo analisa uma experiência didática desenvolvida e aplicada no 9º ano do Ensino Fundamental, em uma escola situada na cidade de Goiânia (GO), que partiu da construção de mapas mentais como recurso didático para abordar o tema da migração no estado de Goiás. O trabalho discute a relevância dessa prática para o ensino de Geografia, ressaltando o potencial dos mapas mentais na construção de conceitos geográficos e na valorização das experiências espaciais dos estudantes. O objetivo principal foi favorecer a construção do pensamento geográfico por meio da espacialização das origens familiares dos estudantes, articulando memória, identidade e território. A proposta fundamentou-se na teoria histórico-cultural e mapas mentais, entendendo-os como representações simbólicas do espaço vivido e instrumentos de mediação cognitiva. A análise dos mapas mentais produzidos pelos estudantes indica que os mapas mentais favoreceram a articulação entre memória, identidade e conceitos geográficos, ampliando o pensamento espacial dos estudantes.

Palavras-chave: Cartografia escolar; Migração; Espaço vivido; Ensino de Geografia; Mediação sociocultural.

MENTAL MAPS AND MIGRATION: A PEDAGOGICAL PROPOSAL IN GEOGRAPHY TEACHING BASED ON HISTORICAL-CULTURAL MEDIATION

Abstract. This article analyzes a didactic experience developed and applied in a ninth-grade class at an elementary school in Goiânia (GO, Brazil), based on the construction of mental maps as a teaching resource to address the theme of migration in the state of Goiás. The study discusses the relevance of this practice for Geography teaching, highlighting the potential of mental maps in building geographical concepts and valuing students' spatial experiences. The main objective was to promote the development of geographical thinking through the

¹ Universidade Federal de Goiás. E-mail: gustavo.educa93@gmail.com. 0000-0002-6178-0480

² Universidade Federal de Goiás. E-mail: lavmendes23@gmail.com. 0000-0002-3155-8213

³ Universidade Federal de Goiás. E-mail: fjprimo@yahoo.com.br. 0000-0002-4391-916X

spatialization of students' family origins, articulating memory, identity, and territory. The proposal was grounded in historical-cultural theory and the use of mental maps, understood as symbolic representations of lived space and instruments of cognitive mediation. The analysis of maps produced by the students indicates that mental maps favored the articulation between memory, identity, and geographical concepts, expanding students' spatial thinking.

Keywords: School cartography; Migration; Lived space; Geography teaching; Sociocultural mediation.

MAPAS MENTALES Y MIGRACIÓN: UNA PROPUESTA PEDAGÓGICA EN LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA A PARTIR DE LA MEDIACIÓN HISTÓRICO-CULTURAL

Resumen. Este artículo analiza una experiencia didáctica desarrollada y aplicada en una clase de noveno año de la educación básica, en una escuela situada en la ciudad de Goiânia (GO, Brasil), basada en la construcción de mapas mentales como recurso didáctico para abordar el tema de la migración en el estado de Goiás. El estudio discute la relevancia de esta práctica para la enseñanza de la Geografía, destacando el potencial de los mapas mentales en la construcción de conceptos geográficos y en la valorización de las experiencias espaciales de los estudiantes. El objetivo principal fue promover la construcción del pensamiento geográfico mediante la espacialización de los orígenes familiares de los estudiantes, articulando memoria, identidad y territorio. La propuesta se fundamentó en la teoría histórico-cultural y en el uso de mapas mentales, entendidos como representaciones simbólicas del espacio vivido e instrumentos de mediación cognitiva. El análisis de mapas mentales elaborados por los estudiantes indica que los mapas mentales favorecieron la articulación entre memoria, identidad y conceptos geográficos, ampliando el pensamiento espacial de los estudiantes.

Palabras clave: Cartografía escolar; Migración; Espacio vivido; Enseñanza de la Geografía; Mediación sociocultural.

Introdução

A cartografia escolar tem se consolidado nas últimas décadas como instrumento fundamental para a construção do pensamento geográfico nos anos finais do ensino fundamental. Para além de sua função de representação espacial a partir da escala gráfica, a cartografia assume papel de mediadora na compreensão do espaço e na leitura crítica do território a partir da escala afetiva, cultural e social. Neste contexto, os mapas mentais emergem como ferramentas pedagógicas que permitem articular os conteúdos curriculares da Geografia com as experiências espaciais vividas pelos estudantes.

Este artigo apresenta uma proposta de atividade desenvolvida e aplicada na turma de 9º ano do Ensino Fundamental, em uma escola situada na cidade de Goiânia (GO), que partiu da construção de mapas mentais como recurso didático para abordar o tema da migração no estado de Goiás. A

proposta fundamentou-se na perspectiva histórico-cultural de Vygotski, que compreende a aprendizagem como um processo mediado social e culturalmente, e nas contribuições de Richter (2010; 2011; 2022), que discute os mapas mentais como representações simbólicas do espaço vivido e instrumentos de mediação cognitiva.

Nesse sentido, emergiu a seguinte questão: como a elaboração de mapas mentais pode favorecer a compreensão dos conceitos geográficos e a articulação entre conteúdo e experiência vivida pelos estudantes?

Partimos do pressuposto de que a espacialização das origens familiares e dos trajetos migratórios vivenciados pelos estudantes possibilita aos jovens escolares estabelecer relações significativas entre conceitos geográficos e suas experiências cotidianas. Assim, o objetivo principal foi favorecer a construção do pensamento geográfico por meio da espacialização das origens familiares dos estudantes e suas próprias movimentações no espaço, articulando memória, identidade e território.

A metodologia adotada foi qualitativa e de natureza aplicada, desenvolvida em cinco etapas: (1) roda de conversa sobre as origens familiares dos estudantes e sua movimentação no espaço; (2) leitura e interpretação de mapas dos estado de Goiás e demais do Brasil, utilizando para situar espacialmente os municípios e compreender a distribuição territorial das migrações; (3) elaboração de mapas mentais para representação dos trajetos; (4) exposição e análise coletiva das produções; e (5) sistematização dos conceitos geográficos trabalhados, como tipos de migração, fluxos migratórios, fatores de atração e repulsão, centralidade urbana, território, identidade territorial, lugar entre outros.

Os resultados indicam que os mapas mentais favoreceram a articulação entre memória, identidade e conceitos geográficos, ampliando o pensamento espacial dos estudantes.

O Mapa no ensino de Geografia

A importância da utilização de mapas no ensino de Geografia tem sido amplamente discutida entre pesquisadoras(es)/professoras(es) e tem ganhado cada vez mais relevância nas discussões em torno das diferentes possibilidades de representação da realidade. Atualmente, podemos encontrar

uma quantidade expressiva de teses, dissertações, artigos em periódicos e trabalhos completos em anais de eventos referentes à cartografia escolar no Brasil.

As primeiras pesquisas sobre cartografia escolar no Brasil foram desenvolvidas no final dos anos 1970, sobretudo por professoras, entre as quais, destacam-se os trabalhos de Paganelli (1982); Simieli (1986, 1999); Almeida & Passini (1998); Antunes, Menandro & Paganelli (1993); Almeida (1994, 2001); Passini (1994); Rufino (1996); Girardi (1997, 2003); Katuta (1997, 2003) e Le Sann (2007). Essas pesquisas abriram caminho para a consolidação de diferentes abordagens teóricas no campo da Cartografia Escolar.

De acordo com Barbosa (2018), com relação aos trabalhos desenvolvidos a partir de então é possível traçar um desenho das principais teorias utilizadas nas pesquisas sobre a linguagem cartográfica. O autor destaca aqueles trabalhos que utilizam como modelo de análise a Epistemologia Genética de Piaget, sobretudo trabalhos que enfocam a aprendizagem de conceitos e noções espaciais, no ensino fundamental. Outros que são orientados pela Semiologia de Jaques Bertin mais voltados para trabalhos com atlas escolares, gráficos e a cartografia temática. E, por fim, trabalhos que utilizam a teoria simbólica de Mikail Bakhtin e, mais recentemente, aqueles baseados na teoria da Complexidade de Edgar Morin, na Teoria do Ensino Desenvolvimental e pela de Davidov, além da Teoria Histórico-Cultural de Vygotski. É nesta última vertente, a da Teoria Histórico-Cultural, que este artigo está inserido, compreendendo que a aprendizagem cartográfica é um processo que deve ser mediado por instrumentos culturais, como a linguagem e os próprios mapas, e que se desenvolve a partir das relações sociais.

Dentre as principais contribuições para a compreensão cognitiva dos mapas, destaque para a tese de de livre-docência intitulada Estudo metodológico e cognitivo do mapa, escrita por Livia de Oliveira (1978), frequentemente citada com o primeiro estudo desenvolvido na linha da cognição cartográfica. Conforme Richter (2011), “a pesquisadora identificou a relação entre a aprendizagem da Cartografia com o processo de ensino da alfabetização da linguagem escrita [...] (p. 24).” De maneira resumida, neste

trabalho, a pesquisadora discute a necessidade de estabelecimento de uma metodologia que auxiliasse estudantes a “ler” os mapas, auxiliando-os no processo de assimilação dos conceitos geográficos. Haveria portanto a necessidade de uma “alfabetização cartográfica”.

De acordo com Katuta (1997), a concepção de alfabetização presente nos trabalhos sobre a cartografia escolar é a mesma que vigorou muito tempo na área de alfabetização da linguagem escrita, na qual bastaria que estudantes conhecessem e decodificassem os símbolos que compõem o alfabeto para então poder alfabetizarem-se. Mas, para a autora, “apesar da importância do uso dos mapas no ensino de Geografia, é preciso ter claro que o mesmo não deve se resumir ao ensino do mapa” (p. 42).

Concordamos com a autora que a leitura da linguagem gráfica e cartográfica necessita muito mais do que a mera decodificação dos símbolos. Para ler um mapa é preciso desenvolver nos jovens escolares a capacidade de “atribuir significados, (re)construir representações, visitar ou rever as que possuímos a partir dessa representação” (Katuta, 1997, p. 45). Dessa forma, o uso dessa forma de comunicação precisa estar relacionado ao tema a ser trabalhado e ao entendimento do fenômeno estudado.

Assim como Katuta (1997), outros autores também avaliam de maneira crítica a ideia de Alfabetização Cartográfica. Para Richter (2011), o processo de aprendizagem do mapa não deve seguir a mesma lógica da alfabetização das letras. Para o autor em questão é necessário “estabelecer um caminho específico para que a Cartografia seja compreendida pelos alunos nas atividades escolares, respeitando, principalmente, sua cognição” (p. 36). Nesse sentido, ainda de acordo com o autor, “a proximidade com os estudos de Jean Piaget e Bärbel Inhelder foi fundamental e permitiu um significativo avanço no trabalho metodológico de ensino do mapa” (Richter, 2011, p. 36).

Apesar das críticas, necessárias a todo trabalho acadêmico, cabe aqui reconhecer que o trabalho iniciado por Oliveira (1978) impulsiona o desenvolvimento de outras pesquisas sobre o ensino e aprendizagem do mapa na geografia brasileira, envolvendo cartografia e cognição, semiologia gráfica e comunicação cartográfica.

Conforme destacado por Barbosa (2018), os estudos de Antunes et al (1991), de Simielli (1993), Almeida e Passini (1994) assumem papel de

relevância. Ainda segundo o autor, na mesma linha teórica ligada à teoria da cognição na Cartografia, a obra de Nogueira (1994), traz importantes contribuições e questionamentos quanto aos mapas mentais que, como defendido pela autora, “podem ser utilizados como material didático pelos professores, para estudar o espaço e introduzir ao mesmo tempo o ensino elementar das representações cartográficas (Barbosa, 2018, p. 169).”

Passados mais de quarenta anos após a primeira publicação de Oliveira (1978) percebe-se uma trajetória deste campo que vai do ensino da cartografia como técnica de representação para uma compreensão mais complexa, que a entende como uma linguagem a ser criticamente interpretada e produzida, inserida em contextos sociais e culturais específicos. Mas, apesar dos avanços advindos da contribuição da teoria de Piaget e suas pesquisas sobre o processo de aprendizagem e o desenvolvimento do ensino do mapa, sobretudo a partir da década de 1980, algumas lacunas permaneceram. Desta maneira, surge a necessidade de buscar outros caminhos para ampliar os estudos sobre a linguagem cartográfica no processo de ensino-aprendizagem de Geografia. Que, nesse caso, refere-se à teoria histórico-cultural (Richter, 2011, p. 43).

Os estudos desenvolvidos por Vygotski, fundamentados no materialismo histórico-dialético, são responsáveis por uma nova forma de interpretação sobre o desenvolvimento cultural do ser humano. A partir da teoria histórico-cultural o que antes era entendido como um processo “biológico, pragmático ou inato” passa a ser analisado com base no desenvolvimento histórico-cultural. Nesse sentido, o indivíduo de hoje passa a ser compreendido como resultado de um processo temporal que se inicia no momento em que os homens começam a se comunicar e transmitir seus conhecimentos para as gerações seguintes. Em outras palavras, a formação da sociedade é resultado de um processo histórico e dialético” (Richter, 2011, p. 47 e 48).

Na perspectiva da mediação histórico-cultural, os mapas mentais são entendidos como uma externalização das representações internas do sujeito, tornando-se um instrumento privilegiado para que professoras(es) mediadoras(es) facilitem a compreensão de conceitos espaciais complexos. É a partir do arcabouço teórico histórico-cultural que este artigo propõe a

utilização de mapas mentais como ferramenta de mediação para o ensino do fenômeno da migração, o qual envolve deslocamentos espaciais e construções identitárias que podem ser exploradas por meio da linguagem cartográfica, quando esta é compreendida como uma prática social e culturalmente situada.

Após essa breve trajetória teórica sobre a cartografia escolar, apresentamos a seguir a proposta didática que articula mapas mentais e migração no ensino fundamental.

A utilização de mapas mentais no ensino dos fluxos migratórios

A elaboração de mapas mentais pode potencializar a compreensão de conceitos geográficos (migração, fluxos migratórios, fatores de atração e repulsão, centralidade urbana, território, identidade territorial, lugar, entre outros) relacionados aos processos migratórios e às identidades territoriais dos estudantes? Acreditamos numa resposta positiva quando se trata dessa questão.

Conforme apontado por Richter (2011), o processo de construção dos conceitos científicos é uma etapa importante na formação intelectual e no desenvolvimento do pensamento, pois é partir deles “que o indivíduo terá condições de compreender a própria história humana, já que a mesma foi produzida pela organização de conceitos que, dialeticamente, dão sentido à sociedade” (83). Por isso, se torna importante reafirmarmos que “os conceitos possuem um papel fundamental nas relações humanas, por contribuírem para a comunicação e na linguagem pelo uso da palavra como signo representativo e funcional presente nas práticas sociais” (p. 79 e 80).

De acordo com a teoria de Vygotsky (Richter, 2011), o processo de construção dos conceitos científicos ocorre em 4 diferentes grupos. Aqui nos interessa sobretudo o quarto grupo que é composto por atividades práticas. Conforme Richter (2011), esse momento representa a possibilidade de construção de novas abordagens para o uso e aplicação dos conceitos científicos trabalhados com jovens escolares na sua vida em sociedade.

Nesse caso, a ideia está em expandirmos as possibilidades de construção dos mapas. Para isso, os **mapas mentais** podem ser bons exemplos, pois a proposta situa-se na construção de **atividades práticas que recuperem os conhecimentos aprendidos e as**

habilidades formadas pela educação formal, a fim de contribuir para a expressão e leitura da realidade. [...] Assim, os conceitos científicos desenvolvidos na escola ganham uma nova dimensão ao serem utilizados para ampliar a compreensão dos contextos que interferem na formação da sociedade. Portanto, **os mapas mentais tornam-se uma linguagem capaz de resgatar os saberes ensinados para produzir um novo conhecimento, uma nova interpretação do espaço.** (Richter, 2011, p. 87, grifos acrescidos)

Nesse sentido, trabalhar os conceitos relativos aos conteúdos de fluxos migratórios a partir da elaboração de mapas mentais, visa auxiliar jovens escolares no seu processo de desenvolvimento intelectual articulando os conteúdos das aulas de geografia com suas próprias vivências.

A presente proposta foi estruturada da seguinte forma:

- (1) Fizemos uma roda de conversa na qual cada estudante buscasse nas memórias fatos envolvendo suas origens familiares e sua movimentação pelo território brasileiro até a chegada em Goiânia;
- (2) Num segundo momento foram realizadas leituras e interpretações de mapas dos estados de Goiás e das demais regiões do Brasil para situar espacialmente os municípios de origens bem como compreender a distribuição territorial das migrações;
- (3) Posteriormente passamos à fase da elaboração de mapas mentais propriamente dita com o intuito de construirmos as representações dos trajetos realizados pelas famílias;
- (4) Em seguida tivemos um momento para a análise coletiva das produções e a organização de uma exposição; e
- (5) Por fim, fizemos a sistematização dos conceitos geográficos trabalhados, como tipos de migração, fluxos migratórios, fatores de atração e repulsão, centralidade urbana, território, identidade territorial e lugar. No quadro (1) abaixo apresentamos com mais detalhes as etapas descritas acima.

Quadro 1: Proposta metodológica

Componentes	Descrição
Tema	Migração e raízes familiares: espacialização dos vínculos no estado de Goiás
Objetivo	Compreender a migração interna no estado de Goiás a partir da espacialização das origens familiares dos alunos, por meio da construção de mapas mentais como representação do espaço vivido e social, articulando memória, afetividade e território.

Público-alvo	9º ano do Ensino Fundamental
Duração	2 a 3 aulas (50 minutos cada)
Conceitos mobilizados	Migração: noções de movimento pendular, adensamento populacional, centralidade urbana, fluxos socioespaciais, entre outros.
Fundamento teórico	Perspectiva histórico-cultural de Vygotsky: aprendizagem mediada pela linguagem, pelas relações sociais e pela produção de sentido com base nas experiências concretas dos sujeitos.
Etapas da Atividade	<ol style="list-style-type: none">1. Roda de conversa: De onde vieram suas famílias? Como chegaram a Goiânia?2. Leitura de mapa do estado de Goiás e localização das cidades de origem citadas.3. Elaboração de mapa mental com origem familiar, trajetos migratórios e vínculos com outras cidades.4. Exposição e análise coletiva: o que os mapas revelam sobre as migrações para Goiânia?5. Relação com conteúdos: migração interna, urbanização, redes e fluxos no espaço regional.
Produto final	Mapa mental + breve texto explicativo sobre o percurso migratório familiar mobilizando os conceitos trabalhados em sala de aula.

Fonte: elaboração dos autores (2025)

A produção dos mapas mentais no planejamento, situou-se na etapa de síntese da proposta pedagógica, em que provocamos os estudantes a conectarem o histórico de suas famílias, a vinda delas para a região metropolitana de Goiânia indicando os lugares de origem e a relação dessa história com a constituição dos próprios estudantes.

Mapas mentais, memória, identidade e mobilidade: análise e discussão dos resultados

O estudo aqui realizado teve um caráter qualitativo e foi pautado na análise documental dos mapas mentais produzidos pelos estudantes. As produções foram tomadas como documentos gráficos que externalizam suas representações espaciais (ALMEIDA, 2001). Nossa interpretação foi orientada pela identificação daqueles elementos que articulavam a memória familiar deles, sua identidade territorial e os conceitos geográficos trabalhados em sala, como migração, fluxos migratórios, fatores de atração e repulsão, centralidade

urbana, território, identidade territorial e lugar.

Nessa perspectiva, compreender os mapas mentais como uma forma de representação implica reconhecer neles sua função na formação do pensamento geográfico, este entendido como a capacidade de atribuir sentido às relações espaciais e às práticas socioespaciais (CAVALCANTI, 2019). E, como destacado por Duarte (2017), a linguagem cartográfica é um mediador essencial para o desenvolvimento do pensamento espacial, pois possibilita ao estudante construir significados sobre o espaço a partir de suas próprias experiências vividas.

Para ilustrar o desenvolvimento da proposta selecionamos dois mapas mentais para análise e discussão. Nos desenhos elaborados, surgiram elementos cognitivos e afetivos que, embora não obedecessem às escalas convencionais dos mapas topológicos ou euclidianos, revelaram uma lógica própria de organização espacial.

Os trajetos representados partiam do cotidiano imediato como o percurso da escola até a casa, ou de casa a espaços de convivência, como praças, parques e supermercados e se expandiam para trajetórias mais amplas, ligadas à história familiar. Ao representar deslocamentos de pais, avós e tios vindos de diferentes regiões, especialmente do Norte e Nordeste, muitos a trabalho, os estudantes incorporaram temporalidades distintas (do presente ao passado) e articularam múltiplas espacialidades.

As produções evidenciaram tanto os deslocamentos cotidianos quanto as longas distâncias percorridas pelas famílias, permitindo discutir os conceitos geográficos mobilizados no planejamento, revelando práticas espaciais que conectaram memória, identidade e mobilidade.

Abaixo destacamos os dois mapas mentais feitos pelos estudantes e analisados por nós:

Figura 1

Mapa mental representando fluxos migratórios familiares entre o Nordeste e o Centro-Oeste do Brasil.



Fonte: Fotografia de atividade retirada pelos autores (2025).

Apesar de não ser uma representação monocromática, essa estudante se ateuve a poucas cores e as utilizou de maneira mais circunstancial. A separação bem delimitada das cidades de Natal (RN), Macau (RN), Santa Terezinha (MT) e Vila Rica (MT) foi feita inserindo-a nos cantos da folha. E no centro do retângulo, a cidade de Goiânia, especificamente o setor Norte Ferroviário, bairro este localizado na região central.

Entre as cidades mapeadas há elementos que indicam estruturas como estradas e também outros como, por exemplo, setas unidirecionais que fazem menção aos seguintes deslocamentos:

- Das cidades de Natal para Macau, ambas situadas no Rio Grande do Norte, região Nordeste, destacando migração intra-regional;
- Das cidades de Goiânia para Natal, respectivamente, do Centro-Oeste para o Nordeste, migração inter-regional;
- Das cidades de Goiânia para Vila Rica, sendo a segunda localizada no estado do Mato Grosso, permanecendo no Centro-Oeste;
- Das cidades de Vila Rica para Santa Terezinha, ambas situadas no Mato Grosso, migração intra-regional.

Referente aos elementos relacionados a cada cidade, percebidos e relembrados pela estudante, ressaltamos:

- Em relação às cidades de Natal e Macau o mapeamento destacou

o mar e estrutura urbana na figura de prédios, adicionando na segunda cidade praia e igreja;

- A cidade de Goiânia foi representada com a mesma estrutura urbana a partir de elementos visuais como prédios e áreas verdes com árvores;
- Na cidade de Vila Rica há uma extensão de casa ao lado do curso do rio;
- Com relação à cidade de Santa Terezinha as memórias estabeleceram uma relação com as plantação de soja e com a criação de gado.

Percebe-se que o espaço vivido representado nos mapas mentais, partindo de flashes de memória, constroem um ângulo do que é a cidade, demonstrando também quais elementos foram mais significativos na experiência da estudante ao viver nas cidades indicadas. Dessa forma, nosso desafio e os desafios que se impõem para os professores é conectar o conteúdo e os conceitos geográficos trabalhados sem ignorar a experiência e vivência dos alunos (Cavalcanti, 2019).

Figura 2

Mapa mental destacando a centralidade de Goiânia e os vínculos com as origens familiares nas outras regiões brasileiras.



Fonte: Fotografia de atividade retirada pelos autores (2025).

Nesta segunda representação podemos perceber a utilização de cores mais quentes e vibrantes, bem como a indicação da mobilidade pelo território através das setas utilizadas, a maioria delas unidirecionais, mas também com presença de outras bidirecionais.

Aqui, a representação desta estudante parte da Praça do Violeiro, situada no setor Urias Magalhães, um bairro localizado na região norte de Goiânia e rodeado de lugares pelos quais ela transita. Esses espaços marcam as trajetórias socioespaciais da estudante por estarem próximos à casa de sua mãe (canto superior direito). Destaque para os elementos: padaria, o shopping Passeio das Águas, o posto de Saúde e quadra de esportes.

A Praça do Violeiro é interligada a outras localidades que fazem menção a origem de seus avós:

- com Alagoas, estado de origem da avó paterna;
- com a Bahia, estado de origem da avó materna;
- com Minas Gerais, estado de origem do avô;
- com a cidade de Santo Antônio de Goiás, no estado de Goiás,

onde a família da estudante residia anteriormente.

Chama atenção ainda a diferença entre a presença de elementos físico-naturais na comparação entre este mapa e no mapa mental da estudante anterior (imagem 1): enquanto no primeiro mapa analisado nota-se a presença de uma praia, os mares, um rio e algumas árvores, desta vez, a quase ausência de elementos físico-naturais é nítida, deixando em evidência como o ambiente “concreto” da cidade impacta a vivência dessa jovem. Aparecem algumas árvores abaixo do Atacadão (canto esquerdo) e acima do Store (canto inferior direito).

Considerações finais

A produção dos mapas mentais revelou que as famílias das duas estudantes constituíram-se a partir de fluxo entre as regiões Centro-Oeste, Nordeste e Sudeste. Ficou perceptível como os vestígios de memória ligaram as cidades representadas através de fluxos migratórios. As cidades mencionadas nos mapas foram representadas, em regra, com grandes construções e outros

equipamentos urbanos, sendo que no caso das memórias envolvendo as capitais nordestinas houve uma relação com elementos físico-naturais com a praia e ao mar, enquanto no caso das cidades localizadas no Centro-Oeste há a referência explícita à agropecuária.

A partir da análise das representações realizadas pelos estudantes, durante a realização da proposta pedagógica e metodológica aqui apresentada, é possível afirmar que os mapas mentais colaboram para que os estudantes articulem o conteúdo geográfico e suas vivências de maneira que os conceitos trabalhados pelos professores mediadores possam ser assimilados de maneira significativa. Sendo que a ressignificação dos conceitos geográficos trabalhados a partir do conteúdo de migração se deu por meio da mediação didática, processo fundamental para produzir conhecimento escolar de forma efetivamente coletiva, entre professores mediadores e estudantes.

Desta maneira é possível perceber que a mediação proporcionou, de acordo observado nas atividades, a articulação entre as memórias familiares, os fluxos migratórios e as trajetórias socioespaciais dos estudantes, ficando visível a relação entre a experiência vivida no cotidiano com os conceitos relativos aos conteúdos geográficos trabalhados em sala de aula.

Ao construir os mapas mentais estudantes mobilizam uma somatória de habilidades e capacidade de interpretações, levando-os a raciocinar sobre o que significam as principais noções trabalhadas nas aulas, estruturar como se dará a representação em desenho ou esquema para que tome a forma de um mapa mental e os elementos visuais/estéticos que desejam utilizar.

Avaliamos que a elaboração dos mapas mentais, para abordar o conteúdo de migrações, mostrou-se potente para sintetizar a sequência didática e mobilizar a criatividade, a imaginação e a abstração conceitual por parte dos estudantes. Além disso, a proposta de utilização dos mapas mentais no ensino da cartografia escolar possibilitou que eles viessem ser produtores de mapas e representações cartográficas não convencionais.

Por fim, destacamos o quanto a atividade proposta foi importante pois através dela esses estudantes passaram a reconhecer como a cartografia pode ser materializada de formas distinta dos mapas euclidianos, aos quais normalmente estão habituados.

Referências

ALMEIDA, Rosângela Doin de. (2001). **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. Contexto.

BARBOSA, Ronaldo dos Santos. Gênese, Desenvolvimento e Perspectivas da Cartografia Escolar no Brasil. **Revista Ensino de Geografia** (Recife), [S. l.], v. 1, n. 1, p. 166–175, 2018. DOI: 10.51359/2594-9616.2018.240421. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/ensinodegeografia/article/view/240421>. Acesso em: 30 out. 2025.

CAVALCANTI, Lana de Souza. (2019). **Pensar pela Geografia: ensino e relevância**. C&A Comunicação.

DUARTE, Ronaldo Goulart. (2017). A linguagem cartográfica como suporte ao desenvolvimento do pensamento espacial dos alunos da educação básica. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, 7(13), 187–206. <https://doi.org/10.46789/edugeo.v7i13.493>.

KATUTA, Ângela Massumi. Uso De Mapas = Alfabetização Cartográfica E/Ou Leiturização Cartográfica?. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 3, n. 3, 2009. DOI: 10.14572/nuances.v3i3.55. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/55>. Acesso em: 30 out. 2025.

OLIVEIRA, Livia de. **Estudo metodológico e cognitivo do mapa**. São Paulo, 1978. Tese (doutorado) – IGEOG – USP.

RICHTER, Denis. (2010). **Raciocínio geográfico e mapas mentais: a leitura espacial do cotidiano por alunos do Ensino Médio** [Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho]. UNESP.

RICHTER, Denis. (2011). **O mapa mental no ensino de geografia: concepções e propostas para o trabalho docente**. Cultura Acadêmica.

RICHTER, Denis. (2022). A leitura e análise espacial por meio de mapas mentais na geografia escolar. **Revista Signos Geográficos**, 4, 1–26. <https://doi.org/10.5216/signos.v4.74429>